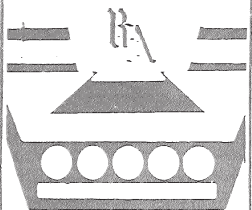


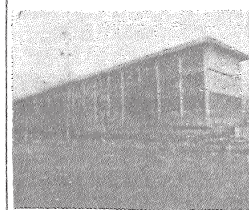
O REDATOR



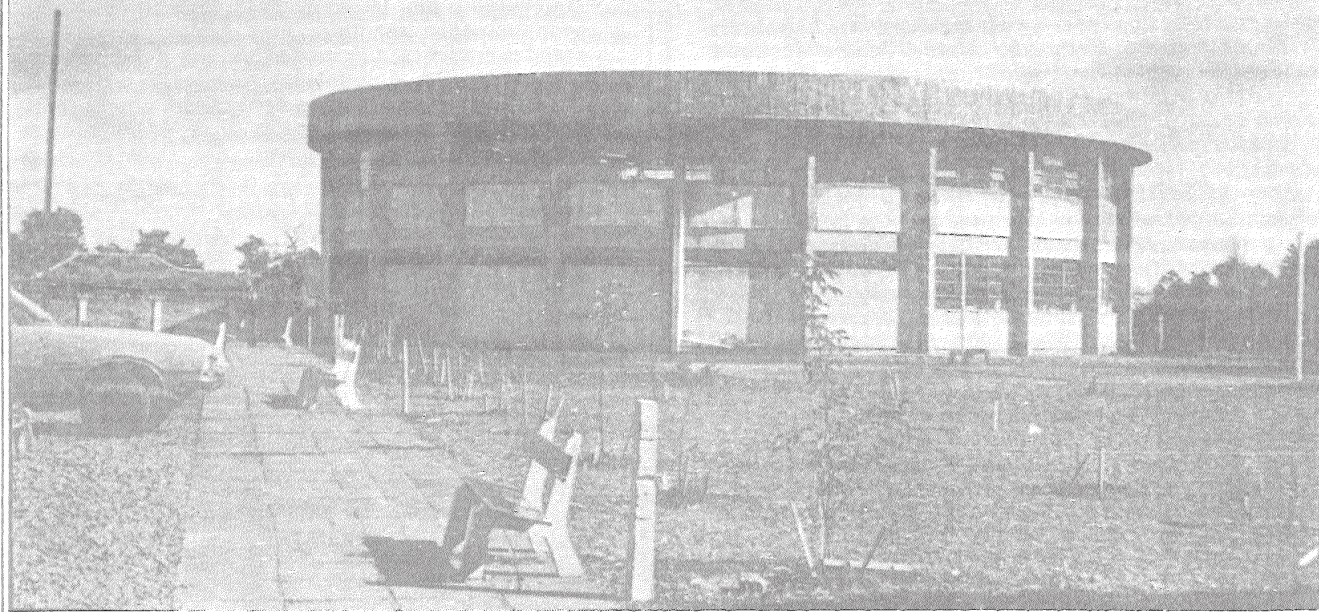
ÓRGÃO OFICIAL DA HABILITAÇÃO DE REDATOR AUXILIAR E DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS "CECY LEITE COSTA".

PASSO FUNDO RIO GRANDE DO SUL BRASIL

ANO: 01 NÚMERO: 04 AGOSTO DE 1978



Redondão, Uma feliz realidade



- * Solano Paulo: Saudades de um Exemplar Menino Pág. 2
- * Reformar, Reformar, Reformar. Pág. 3
- * Feira de Ciências. Pág. 4
- * Redondão: Uma Realidade Feliz. Pág. 5
- * Clube de Teatro: Louvável Iniciativa. Pág. 6
- * Destaques e Áudio. Pág. 7
- * Lembretes: Última Pág.



JAIRO LUIZ BRUM: um exemplo a ser seguido



CADERNETA DE POUPANÇA
HABITAÇÃO

E AS NOSSAS FESTAS?

De há muito, havia festas. Lembra-me muito bem - e não sou do século passado - comemorava-se o dia do estudante (comemorava-se e se fazia festa também); o dia do papai (era papai, hoje é pai, pai e pronto); o dia da mamãe (hoje, também desgastado como o do pai - o nome do pai); o dia do professor, o dia da criança, o dia da árvore (hoje ela não existe mais, o homem acabou-a para não a comemorar); o dia do Nascimento do Menino Jesus (mais tarde, Natal; hoje, dia do Pai - nem Papai - Noel); o dia de Ano Novo (mais tarde, "Bom Princípio", que era a forma de se ganhar alguns trocados); a Semana Santa (a gurizada não podia cantar, assobiar, gritar, bater, jogar bola, brincar, apanhar - ah! isso era bom - porque o... aparecia, de vez que Deus estava morto); o dia de São João (as fogueiras se acendiam para comemorar o dia do Santo, hoje, para comer, beber, namorar e... no final da festa); o dia dos mortos (não havia morto que não fosse visitado e tudo em meio a flores, coroas - nem sempre de flores - e muito recolhimento, oração e súplica; hoje, nem os mortos são como os de antigamente: foge-se ao combate, ao custo de vida, à exploração; não se morre mais como de outrora); o dia de Todos - vejam esta palavra: **TODOS** - os Santos. Sim, dia de todos os Santos. Hoje, nenhum, ou só alguns. A caça (não se escreve "cassa") foi geral e extensiva aos nobres. Santo é nobre. Nem todo nobre é Santo. Mas todo Santo é nobre. Exceto, é bem verdade, o Santo de Salário Mínimo. Cujo nome é Santo. Futuramente, eu aposto, será Santinho. E surgirão, em maior número, os Santões. E aí volta-se a comemorar novamente. O dia dos Santos Reis (depois, se chegou à conclusão de que Rei não era Santo: ou era rei, ou era Santo). O dia dos namorados (hoje já não se namora, analisam-se os problemas, calcula-se o salário, trocam-se idéias sobre poupança - aquela das cadernetas - lembra-se, e com que nostalgia, de como eram os namoros, quando existiam).

Lembra-me mais, talvez pela proximidade da data, recém passada - vejam que a palavra "passada" não tem nada em comum com "comemorada" - o dia do estudante. Nem era dia, perdoem-me. Era semana do estudante. Sim, isto mesmo: semana do estudante. Fazia-se festa a semana toda: jogos, corridas, concentrações - cívicas, bem entendido - passeios, visitas a museus, pontos históricos. No final - da semana, não do dia - bailava-se. Fazia-se, não um baile, mas o baile. Todos os credos, todas as raças, todas as gerações se misturavam na entrega de prêmios. E festavam juntos. Líderes e liderados, alunos e professores, pais e filhos, diretores e dirigidos. Era tudo tão sadio, nobre e bom. Hoje, nem as aulas se interrompe. É uma missa - não desfazendo a celebração - muito contra a vontade da gurizada e pronto. Aula, sim, que é importante. E as nossas festas...

IRONÍ

EXPEDIENTE

DIRETOR: Prof. Ironi Gozzi de Andrade

REDATORAS CHEFES: Prof. Dalva Bisognin
Prof. Lígia Buaes

EQUIPE:

Acácio Silva, Cássia Pasini, Cleide Silva, Claires Zanon, Denilde Figueiredo, Dirceu R. Rodrigues, Esther Rodrigues, Eunice Hoen, Genuino B. da Silva, Jussara L. da Silva, Jair Silveira, Margarete Vargas, Maria D. Aguirre, Maria M. de Oliveira, Márcia Ramos, Maria R. da Luz, Maria R. Nunes, Marta R. Rodrigues, Nara França, Nieverson Pacheco, Paulo Rigon, Rosana Marchiori, Sueli da Rocha, Solange Santos, Tânia M. Goellner.



Só Saudade Restou...

Decorria o mês de junho, início do mês, do ano de 1962. Uma família estava em festa: haveria de nascer, no seio dela, um menino, ou menina, não se sabia ainda. A primeira quinzena passou. Veio a segunda e com ela, mas quase no final: Solano Paulo Toldo dos Santos.

Dia 29, exatamente o dia consagrado a São Paulo, por isso do nome, nascia um menino sadio, forte e que, futuramente, seria muito alegre e descontraído. Cresceu, cresceu, cresceu. Aos 6 anos, iniciou os estudos primários no Colégio Fagundes dos Reis.

E cada vez mais e mais se destacava como bom aluno e bom filho. Futebol e estudos absorviam-no.

Sem nenhuma reprovação concluiu o primeiro grau e ingressou, com o mesmo brilhantismo, no segundo, na Escola Cecy Leite Costa, onde optou pelo curso de Eletricidade, - seu sonho sempre fora eletrônico.

Passaram-se os dias de um ano repleto de amizades novas, de coisas novas, de professores novos e de notas ótimas: era 1977.

Iniciando o ano letivo de 1978, logo surgiu, como acontecimento repetido, mas repleto sempre de grandes emoções, a Feira de Ciências. Solano Paulo, com mais outros dois colegas, resolveram que, em se tratando de trabalho, os musgos seriam objeto de estudos e de demonstrações. E as férias de julho foram ocupadas com isso. Dia e noite. De **DOMINGO A SÁBADO**.

Reiniciaram as aulas, já no segundo semestre. Solano Paulo e seus amigos resolvem fazer uma pescaria, ocasião em que coletariam mais alguns musgos para o trabalho. E partiram.

Chegados ao rio, pescaram, recolheram musgos e almoçaram. Findo o almoço, uma pessoa de mais idade, companhia deles, decidiu que poderia voltar para casa. Solano foi insistente e decidiu dar um mergulho. Foi aí que desapareceu. Da água, só seu corpo. Sua alma, junto de Deus.

Seus pais, senhor Ceani Morais dos Santos e dona Joana Neusa Toldo dos Santos, juntamente com seus irmãos, a senhorita Solange Salete e o menino Sandro Norberto, choram uma dor que não é somente deles, mas de uma comunidade toda. E Solano Paulo partiu para sempre.

Sua mãe, pessoa por demais cristã e corajosa, não se cansa de relatar o que seu filho, hoje saudoso, fazia. E até rever trabalhos seus. Foi numa dessas pesquisas que ela se deparou com dois textos curiosos até: uma redação e outro texto referente à fé.

Tendo como tema livre para a redação, Solano relatou uma pescaria realizada exatamente onde veio a morrer depois. Do texto, datilografado, talvez cópia de algum livro, ninguém o sabe, extraímos o trecho seguinte: "...mais que uma certeza matemática, é um pressentimento inexplicável que vibra dentro de mim. Um pressentimento que não pode falhar... Por causa disso, sinto que estou vivendo de verdade, sempre alerta, na espera de que alguma coisa extraordinária irá acontecer comigo..."

E do Solano Paulo Toldo dos Santos só saudade restou.

**PARABÉNS A VOCÊS,
NESTA DATA QUERIDA,
MUITAS FELICIDADES,
MUITOS ANOS DE VIDA!**

Aniversariaram, mês de agosto, o Diretor, professor Geraldo Alfredo Hallwass, e a vice-diretora, professora Marilena Palma de Souza. O REDATOR só não conseguiu apurar as idades, de qualquer forma: muitas, muitas, muitas e muitas felicidades!

Professor-Aluno

A sala de aula é um local onde a nossa vida psíquica recebe, talvez, a maior soma de estímulos, pois é um ambiente que reúne muitas pessoas, cada uma com as suas características bem pessoais, oferecendo uma soma de estímulos muito grande.

A cada momento surgem situações novas que provocam desconfortos na vida psicológica, tanto do aluno como do professor. A vida interior de cada um, mal ou bem, possui uma certa ordem, que a pessoa não deseja ser alterada.

Os estímulos vindos dos colegas ou do professor, numa pequena parte são conscientizados pela pessoa que os recebe, mas na maioria penetram no fundo do nosso íntimo, sem que nos demos conta do fato, vindo mexer com as vivências já esquecidas, mas estão guardadas no inconsciente. A pessoa não se dá conta nem da penetração dos estímulos nem das vivências movimentadas. Ela apenas sente uma sensação desagradável, desacomodadora, irritante.

Nessa situação a pessoa não lembra dos acontecimentos. Ela percebe apenas um sentimento de desagrado. Então ela TRANSFERE essa sensação que pertence ao passado para a pessoa com quem está se relacionando no momento. A pessoa sente, mas não identifica contra quem ou contra quem é a re volta e dirige sua agressão à pessoa que se encontra à sua frente. Isto explica muitos casos de comportamento agressivo das pessoas, em especial na sala de aula. Um fato que deve ser ressaltado é o mau relacionamento entre pais e filhos, em especial no sentido da AUTORIDADE.

A sala de aula é uma situação em que, queramos ou não, se estabelece uma relação de autoridade. Então é comum que o aluno transfira sua má experiência com a autoridade dos pais, para o relacionamento com o professor. Daí poder desenvolver um comportamento agressivo, dirigido ao professor, que no caso representa a AUTORIDADE, quando na realidade essa agressão se dirige psicologicamente aos pais.

Esse fenômeno ocorre também em outras situações de vida, apenas a sala de aula concentra condições para reações desse gênero. É recomendável que o jovem seja ajudado e ele mesmo tente se ajudar, a observar o seu próprio comportamento e assim vá descobrindo as causas de suas reações e aos poucos obtenha um controle dinâmico de seus impulsos.

Em educação é necessário que se procure desenvolver um saber sobre a vida psíquica, sobre o homem, oculto aos sentidos.

Cada jovem precisaria ser orientado no sentido do AUTO-CONHECIMENTO que é a chave do viver.

Aos 7 anos: Papai é grande. Sabe tudo!

Dr. Getúlio Vargas Zauza
Psicólogo Clínico

Aos 14 anos: Parece que Papai se engana em certas coisas que diz...

Aos 20 anos: Papai está um pouco atrasado em suas teorias, não são desta época.

Aos 25 anos: O "Coroa" não sabe nada. Está educando, decididamente.

Aos 35 anos: Com minha experiência, meu Pai seria, hoje, milionário...

Aos 45 anos: Não sei se consulto o "velho", talvez me pudesse aconselhar.

Aos 55 anos: Que pena Papai ter morrido, a verdade que ele tinha idéias notáveis...

Aos 60 anos: Pobre Papai! Era um sábio! Como lastimo tê-lo compreendido tão tarde.

Reformando a Reforma

Pensamos concluir, hoje, o exame apurado, revelando falhas, sugerindo consertos, na Habilitação de Redator Auxiliar. Muito, cremos, já se disse. Muito já se devia ter dito. Mas se terá de dizer. Não teremos, talvez, dito o mínimo. Dissemos, porém, o bastante para apontar um problema. Serio deveras.

Vejamos, portanto, o mercado de trabalho: sabe-se que, quando saído da Escola, o cidadão deveria ser um profissional capaz, no campo do jornal ismo: rádio, jornal, televisão, revistas. Nossa atenciosa reportagem preocupou-se em saber quantos profissionais, em nossa cidade, desempenham estas funções. Depois de visitas aos jornais, rádios e revistas, visto não haver pessoas ligadas a estes meios de comunicação. Sabedora disso, procurou, nossa reportagem, saber quantos haviam sido formados pela nossa escola, ou estavam ainda nesta, único local onde tal curso é ministrado, na região. Melancolicamente, sobre que 11 ex-alunos e alunos da nossa querida Cecy foram aproveitados nos meios de comunicação.

Frente a este lamentável e quase catastrófico resultado, dirigiram-se nossos repórteres aos empresários do setor, visando saber o porquê de isso acontecer. De imediato, após a apresentação do resultado exposto acima, perguntaram: Por que se preferiu pessoas formadas neste campo em favor de outras leigas no assunto? Por motivos óbvios: estes que saíram de lá também são leigos?

Prosseguiu, então, nossa incansável equipe de reportagem entusiasmada como nada e ninguém, na busca interna da causa.

Examinou-se, inicialmente, o equipamento técnico do curso. Ou, uma correção oportuna, pretendeu-se examinar o equipamento técnico do curso. Sim, porque o curso não dispõe de nada, na parte técnica. Constatou-se que não há máquina de escrever, vejamos o singular, não há máquinas impressoras, não há material algum de impressão, não há sala para o curso, ainda que vazia, não há uma mesa de montagem, sequer, não há. Dessa forma ganharemos tempo e trabalho.

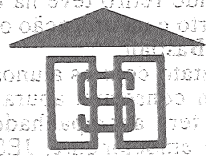
Passou-se, depois, ao exame do material humano, tão ou mais importante que o técnico. Viu-se, em primeiro lugar as disciplinas técnicas e profissionalizantes que, evidentemente, devem ser ministradas por profissionais competentes e, principalmente, capazes. Deste exame resultou que apenas um professor titulado exerce o magistério nesta função. Os demais, inocentes e sacrificadamente, são deslocados para tais funções, sem as mínimas condições: sem conhecimentos e condições técnicas, como já se viu acima.

Nossa reportagem, posteriormente, se perguntou: mas e toda esta carga HORÁRIA, não de bagagem de conhecimentos, que não existe, por que não se aproveita para outras disciplinas como Física, Química, Matemática, Biologia e, por incrível que pareça, em se tratando do Curso de Redator Auxiliar, principalemnte, de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, para que se tenha condições de disputar uma vaga na Universidade; já que no campo de trabalho se perde sempre? A resposta não se a obteve. Quem sabe alguém responde, um dia qualquer.

Reuniu-se os professores, um tanto frustrados com o caso, e bem verdade, expôs-se o levantamento de dados e de problemas e pediu-se sugestões. Dentre tantas, aproveitaremos as mais importantes:

- volta a carga horária antiga, de antes da Reforma de Ensino, com as disciplinas profissionalizantes em outro horário, pela tarde, aos que estudam pela manhã e vice-versa;
- proposição aos órgãos competentes: ou se equipa, profissional e tecnicamente, o curso, ou se o extingue de uma vez;
- contratação de pessoal capaz, e se possível, titulado, a contratar gente que nada tem a ver com este campo, embora detentores de diplomas de cursos superiores.

O REDATOR, cremos, prestou um serviço relevante a comunidade: apontou problemas e sugeriu reformas. Esta é nossa meta. Até Reformarmos, um pouco, a REFORMA. Que a IDÉIA É ÓTIMA.



CADERNETA DE POUPANÇA HABITAÇÃO



FEIRA DE CIÊNCIAS

Como foi amplamente noticiado, realizou-se, no dia 8 de agosto, a FEIRA INTERNA DE CIÊNCIAS.

Nossa reportagem entrou em contato com as professoras coordenadoras, Marlene Braz Rodrigues e Maria Dossa, e apurou os resultados finais, além de observações visando melhores realizações futuras.

O REDATOR: Professora Marlene, realizou-se a Feira de Ciências, todos o sabem. Diz-nos uma coisa: os objetivos foram alcançados efetivamente e na sua plenitude?

PROFESSORA MARLENE: Em termos de objetivos, parece-nos que sim. Sabe-se que é um acontecimento que se repete anualmente e que, por isso mesmo, desestimula paulatinamente os participantes. Ninguém, sabendo disso, se propôs a alcançar objetivos nobres, excessivamente nobres. Tudo dentro das limitações.

O REDATOR: Professora Marlene, entende a senhora, pelo que foi dito, que a Feira não devia ser anual. Por que e como devia ser?

PROFESSORA MARLENE: Dentro das condições de que dispomos para o trabalho, não devia ser anual.

Tudo o que é demais satura: num ano há feira, no outro também. Os professores vivem sobrecarregados e impossível se torna um acompanhamento mais de perto aos trabalhos. Não se poderia designar um professor só para isso? A Delegacia de Educação tem, nós sabemos, um calendário a cumprir. Não é só a Feira de Ciências, sabemos. Mas daí o CECIRS dizer: "isso tem de ser feito, feito e pronto", é demais. Este calendário não poderia ser amenizado com o conveniente espaço de tempo entre as diversas promoções anuais? Uma alternância, talvez.

O REDATOR: E, na prática, como seria esse espaço, professora?

PROFESSORA MARLENE: Há, digamos, três grandes realizações fixas, de calendário. Far-se-ia uma por ano e o problema seria resolvido. Vê-se, em Ciências, por exemplo, repetição, imitação de trabalhos. Isso, essa freqüente repetição, inibe a originalidade do aluno. Ele, a exemplo de nós, não tem tempo. É tudo tão freqüente e apressadamente imposto.

O REDATOR: Juntamente com a professora Marlene, a professora Maria viveu as emoções de mais uma Feira, como coordenadora. Professora Maria, a senhora concorda com o que colocou a professora Marlene?

PROFESSORA MARIA: Sim eu concordo. Decididamente alguém tem que tomar uma medida. Se o objetivo da Feira é estimular a originalidade do aluno, esta originalidade deve existir. Será falha nossa, dos professores de Ciências? Ou o CECIRS deve rever algumas coisas? E o tempo, onde é que está? Seria difícil, em cada escola, designar alguém só para isso? Uma Copa do Mundo anualmente, não saturaria? Vê-se, não só os alunos, mas também professores fartos com isso. Vejamos o caso de um aluno interessado, vejam o privilégio na escolha do aluno interessado: da 5ª à 3ª série do segundo grau, quantas participações poderá ter? Supondo-o interessado: 8 internas, 8 municipais; 8 regionais; 8 a nível de Coordenadoria e 8 estaduais. Quantas? 40. Será necessário isso para estimular a originalidade dos alunos?

O REDATOR: Falemos, agora, de nossa Feira Interna, professora Maria. Bem ou mal, ela se realizou. Quais os trabalhos vencedores?

PROFESSORA MARIA: O resultado final e que classificou oito trabalhos para a Feira Municipal, os oito primeiros colocados, foi o seguinte:

1º LUGAR: Sensibilidade Tátil

Alunos: Elaine Michel

Nedi Lorençato

Eronilda de Fátima Fernandes.

2º LUGAR: Poluição nas Plantas

Alunos: Adriana Agatha Artuzi

Maria Goreti Artuzi

Sandra Maria Zoldan

3º LUGAR: Germinação do Trigo

Alunos: Jones Nero Gaye

Eduardo Appel

4º LUGAR: Conseqüências dos Remédios tomados sem Receitas

Alunos: Vanda Maria do Carmo

Maria Aparecida Segatt

Marli do Carmo

5º LUGAR: Tipagem Sangüinea e Fator R.H.

Alunos: Fernando Oliveira

Carlos Alberto Fiorest

Jair Mello

6º LUGAR: Defeitos da Visão

Alunos: Cláudio Souza

Rosângela Silveira

Siney Nunes Vieira

7º LUGAR: Homem X Homem

Aluno: César Augusto Zoldan

8º LUGAR: Reação das Substâncias na Vida Vegetal

Alunos: Adroaldo Pandolfo

Luiz Fernando Necker

O REDATOR: Professora Maria, e o espaço físico, as salas de aula, é o mais indicado e favorece o desenvolvimento dos trabalhos?

PROFESSORA MARIA: Absolutamente. Infelizmente, não dispomos de maiores recursos, mas as salas dispersam trabalhos, público e demandam muito maior esforço. O ideal seria um salão maior, onde público e trabalhos se confundissem num só todo.

O REDATOR: Professora Marlene, finalmente, o que ainda há para ser dito, agora que a Feira Interna acabou?

PROFESSORA MARLENE: Agradecer a alunos, professores e todos que, de uma forma ou outra, foram suficientemente heróis e enfrentaram esta maratona. Solicitar, também, aos órgãos competentes um pouco mais de sensibilidade, visando não tornar nossa Área de Estudos - Ciências - um pesadelo para alunos e a professores. E, finalmente, lançar a próxima: comecem logo, que logo, logo, vem outra. E competir é bom.

(No próximo número, detalhes das Feiras Municipal e Regional).



Componentes da equipe cujo trabalho foi premiado como o melhor. É a grande esperança para as feiras Municipal e Regional.

retiro do 1º grau

Realizou-se, dias 13 e 14 de julho último, no Instituto Champagnat, um retiro com a participação de alunos do primeiro grau da Escola e de alguns professores.

O referido retiro teve na organização a professora Leda Porto e na pregação o Pe. Darcy Treviso e a Ir. Itelvina Bastian.

Em contato com os alunos participantes, nossa reportagem conseguiu apurar da satisfação dos mesmos em ter acompanhado o desenvolvimento de tema tão emocionante: JESUS CRISTO.

Ao final, via-se, em cada rosto presente, um ar sereno, tranqüilo, repleto de paz e de amor: Jesus Cristo existe e está ao nosso lado. Sempre.



REDONDÃO: UMA IMPONÊNCIA ARQUITETÔNICA.

Nossa solícita reportagem, interessada como sempre, vendo que, a cada dia que passa, esta obra gigantesca, imponente e acolhedora cresce e concretiza nossos sonhos antigos, procurou aquela s pessoas que, mais de perto, vivem o dia-a-dia incansável desta realização: o Diretor, professor Geraldo Alfredo Hallwas, e o professor Arno Otto Kiehl.

Em animado diálogo, soube-se como, quando e de quem partiu a idéia deveras feliz, de fazer se construísse tal imponência arquitetônica. Transcrevemos aqui, dando forma de entrevista, o objetivo é tornar a matéria mais facilmente compreensível, o resultado final daquele verdadeiro diálogo:

REPORTAGEM: Professor Geraldo, sabe-se que toda iniciativa é fruto de uma idéia inicial, quase sempre nobre e que nem sempre encontra a necessária repercussão no meio onde é lançada. A idéia de se construir o REDONDÃO partiu de quem e como repercutiu?

PROF. GERALDO: A idéia partiu do professor Isac Baril, na época, diretor desta Escola, juntamente com o CPM, Círculo de Pais e Mestres. Foi, sem dúvida nenhuma, uma idéia feliz e nobre e que repercutiu muito positivamente. Esta repercussão, por sua vez, teve duas razões a fundamentá-la: o fato de ter partido de uma pessoa como é o professor Isac, juntamente com o CPM, e da necessidade urgente de se ampliar a capacidade da Escola, principalmente no que diz respeito aos cursos profissionalizantes.

REPORTAGEM: Professor Arno, hoje, construir não é para quem quer, mas, mais do que nunca, para quem pode. Em quanto se estima o custo total desta obra?

PROF. ARNO: Devemos dizer, inícilamente, que esta obra não seria construída nunca, sem a ajuda do Estado. Referentemente ao custo total, lembramos que a verba destinada pelo Estado foi de oitocentos e vinte e sete mil cruzeiros, em duas etapas: seiscentos mil cruzeiros, na primeira e duzentos e vinte e sete mil, na segunda. É claro que a Escola teve outras despesas que não foram cobertas totalmente com esta verba.

REPORTAGEM: Professor Geraldo, observa-se, seguidamente, deslocamentos de professores e alunos até o novo prédio. Já há alguma sala em pleno e perfeito funcionamento?

PROF. GERALDO: Na parte térrea, já há salas em pleno, mas não perfeito, funcionamento. As salas de Artes Industriais e de Eletricidade estão em fase final de montagem. Os alunos já assistem aulas lá.

REPORTAGEM: As salas da parte térrea, segundo o diretor, já recebem alunos de duas habilitações: Eletricidade e Artes Industriais. As salas do segundo piso, professor Arno, serão ocupadas por quais as habilitações?

PROF. ARNO: Nas salas do segundo piso, quando equipadas convenientemente, serão ministradas aulas profissionalizantes de três habilitações: Prótese, Economia Doméstica e a de vocês, O REDATOR AUXILIAR.

REPORTAGEM: Referentemente ao mobiliário, professor Geraldo, o que há, o que falta e quem o fornecerá?

PROF. GERALDO: Em termos de mobiliário, o que julgamos muito importante esclarecer, não dispomos de quase nada, em algumas habilitações especialemtno. É o caso de Redator Auxiliar. Em outras, o problema já não é tão grave assim. De qualquer forma, o que nos falta não é pouco. As salas logo estarão prontas. A comunidade será solicitada. Não será tarefa nada fácil, mas nós cremos na nossa gente.

REPORTAGEM: E o nome REDONDÃO, professor Geraldo, de quem partiu e é oficial?

PROF. GERALDO: Redondão é uma palavra dessas que não partiu de ninguém. É o apelido que precede o nome. Certamente, é devido ao formato, esférico, do prédio. Não é nome.

DA CADEIRA DE RODAS À ENGENHARIA CIVIL

Jairo Luiz Brum, quem, na Escola, não o conhece? É o galã que aparece na foto da capa. É alegre, muito educado, inteligente, otimista e vê a vida como algo vindo do alto e que, por isso mesmo, nem este defeito físico o torna inferior a ninguém: "temos que ser realistas, a realidade é esta aí", diz ele.

Jairo nasceu em Carazinho. Seus pais, Sebastião e Olga Regina Brum, vibraram muito quando, no dia 24 de março de 1962, Jairo veio ao mundo. O mesmo sentimento, porém, não os invadiu um ano e meio depois quando o menino, até então sadio e alegre, perdeu as pernas, vitimado de paralisia.

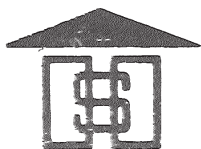
Jairo e seus pais vieram residir em Passo Fundo onde, com 6 anos, iniciou seus estudos. Ora levado pelo pai, ora pela mãe, Jairo iniciou e concluiu o curso primário: até a 4ª série na Escola Georgina Rosado; 5ª, 6ª e 7ª no Colégio Gerônimo Coelho e 8ª na Escola Cecy Leite Costa. Nunca fora reprovado.

Nesta época, e como sonhasse ser, um dia, engenheiro civil, iniciou seus estudos de segundo grau. Um amigo seu, ele faz questão de destacar, José Gilberto de Souza, fazia questão de trazê-lo à Escola, nunca por pena, mas pela amizade que os uniu sempre.

Iniciou, assim, o segundo grau e, com o mesmo brilhantismo, concluiu a primeira série. Hoje cursa a segunda e promete vencer pelos estudos e retribuir, com trabalho tudo o que fizeram por ele até agora.

Jairo, antes de finalizar, solicitou, também, que fizéssemos um agradecimento especial à Escola, na pessoa, principalmente, da professora Beatriz que, juntamente com o professor Medina e o prefeito de Carazinho, conseguiu a cadeira de rodas, minorando, assim, os sacrifícios enormes, mas cheios de calor humano, de seus pais e do amigo José Gilberto.

Jairo, continua assim. Deus não é só dos outros. Em cada um de nós, Ele executa um plano. Tu és parte deste plano. Teu esforço será compensado, podes ter certeza. E nós contamos com uma eminência futura.



CADERNETA DE POUPANÇA
HABITAÇÃO



CLUBE DE TEATRO

Como já é do conhecimento de todos, a Escola tem um Clube de Teatro. Nos primeiros dias do mês de julho, iniciaram-se os ensaios da peça **JUVENTUDE... SOCIEDADE... RELIGIÃO...** Ninguém, certamente, duvida do quanto, em termos de contribuição cultural, lazer e divulgação, tal iniciativa pode dar.

Nossa reportagem manteve longo e animado diálogo com a professora Vera Regina Lautert Ferraz, diretora do Clube de Teatro.

O REDATOR: Sabe-se, professora Vera, que dirigir um Clube de Teatro não é tarefa das mais fáceis. Dentre as inúmeras dificuldades, quais as principais?

PROFESSORA VERA: Inicialmente, eu diria que é lindo lidar com gente. Visto isso, fácil é entender que a tarefa não é tão difícil assim. Nós trabalhamos com gente. Se dificuldades existem, são essas de natureza muito mais material que humanas. Nossas Escolas, aliás, não dispõem do mínimo necessário. So boa vontade. E isso é humano.

O REDATOR: Ensaia-se atualmente, a peça **JUVENTUDE... SOCIEDADE... RELIGIÃO...** Professora Vera, de quem é a peça, como é quem faz parte do elenco?

PROFESSORA VERA: A peça é de autoria da professora Joana Cunha, responsável pelas aulas de Artes Dramáticas, do Colégio Centenário, de Santa Maria. Quanto ao elenco, poupar elogios seria pecar contra o bom senso. É ótimo. Participam dele os alunos Rudimar Thomé, Resson, de Abreu, Gilberto Barbosa, Clovis Cirto Scortezagna, Maria Magdalena de Oliveira, Nalú Maria de Mello, Dalva Gradin, Denilde Figueiredo, Paulo César Rigon e Marisa Benites.

O REDATOR: Todos sabem que, no palco, há, apenas, uma culminância de um grande trabalho técnico. É uma equipe toda que se encarrega da parte técnica da apresentação. Quem faz parte dessa equipe?

PROFESSORA VERA: A Equipe Técnica, alunos também da Escola, é composta de onze elementos: Jorge Pereira, Marcia Ramos, Tadeu Schons, Rosane Lemos, Celso da Silva, Selmo Camareto, Remi Zacaron, Marilene Modesti, Célio Rodrigues de Souza e Rosana Marchioni.

O REDATOR: Professora Vera, já se disse que a Escola dispõe de pouquíssimos recursos financeiros principalmente. O Clube de Teatro tem patrocinador?

PROFESSORA VERA: Não, nós não temos patrocinador. Contamos, isto sim, com o apoio incondicional e irrestrito da Direção da Escola.

O REDATOR: Quando será a estreia?

PROFESSORA VERA: A estreia será no 3º FEMITE (Terceiro Festival Missionário de Teatro Estudantil), em Santo Ângelo, na manhã do dia 31 de agosto. Antes disso, porém, haverá uma Pré-estreia, aqui na escola, na noite do dia 25, exclusivamente para os professores.

O REDATOR: Sobre o 3º FEMITE, professora, o que mais se tem a dizer, pois se sabe que se trata de um grande festival?

PROFESSORA VERA: É um festival que reunirá 18 grupos teatrais, muitos desses de grande expressão. O mais importante é o fato de que, naqueles dias, o pessoal terá ocupação integral. Santo Ângelo ocupará todas as delegações com uma gama muito grande de promoções culturais, encontros, palestras, simpósios, apresentações...

O REDATOR: Professora Vera, todos sabem que O REDATOR se preocupa muito com a divulgação das coisas nossas, das coisas boas de nossa terra e de nossa gente. E baseado nisso que nos colocamos este órgão de divulgação, modesto, e bem verdade, a disposição do Clube de Teatro e o porque todos o sabem: porque é uma coisa boa, é de nossa terra e de nossa gente. Pode dispor dele para uma mensagem final.

PROFESSORA VERA: Finalizando, eu gostaria de levar, antes de mais nada, minha homenagem e gratidão a relevância que vocês nos dão com tais palavras e dizer que O REDATOR não perde em nada para as maiores realizações de nossa terra e de nossa gente. Referentemente ao Teatro, eu trabalho porque gosto de trabalhar e gosto de teatro. Mas, indiscutivelmente, não se consegue nada sozinho. Os professores devem compreender, colaborar e incentivar seus alunos. Tolerar algumas ausências e premiar, de alguma forma a dedicação desses jovens que não fazem nada mais que colaborar com a Escola. Na apresentação do dia 25, nós queremos vê-los todos lá aplaudindo, incentivando, observando, criticando. Tudo muito construtivamente.

Comissão de O Redator

Com a preocupação de organizar a elaboração de matérias para o nosso jornal, elegeu-se, junto ao anexo, uma comissão encarregada da coleta e elaboração de notícias, tendo em vista facilitar o trabalho da equipe colaboradora, ao mesmo tempo em que desenvolver-se-ão a redação e a expressão dos alunos, objetivo nobre e primeiro de todo órgão de divulgação estudantil.

Após visita às salas de aula, notou-se grande interesse de parte dos alunos, o que fez com que a escolha recaísse sobre aqueles que, de fato, reúnem as melhores e as ideais condições para ocupar tal função: Eroni Longardi de Souza, Jorge Henrique Moraes, Agenor Luiz Pauleto, Ari Forcelini, Dante Luiz Pacheco dos Santos e Damiano Francisco Radagelli.

Estes alunos, durante o mês, visitarão as salas de aula, recolherão trabalhos, selecionarão artigos, solicitarão ajuda dos professores, farão, enfim, uma parte do nosso jornal.

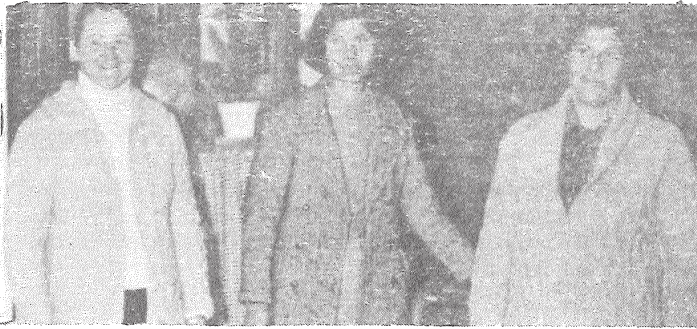
Dia do Estudante

Por ocasião da passagem do dia do estudante, data que, paulatinamente, sucumbe ante o comodismo louco e amedrontador de professores e administradores educacionais, os alunos do anexo do Grupo Escolar Salomão Tochpe comemoraram com bolos, doces, refrigerantes e mensagens. Uma exceção que, mais uma vez, confirma a regra.

Na verdade, os alunos ficaram surpresos quando, na saída para o recreio, encontraram, no centro do pátio, dois bolos capazes de satisfazer a todos. Não se soube, ainda, se a surpresa se devia ao tamanho dos bolos ou à iniciativa pouco rara nos dias de hoje.

Observou-se nos gr upinhos desajeitados de alunos desajeitados porque tão raro é este tipo de festa comentários no sentido de que só saudades restam daqueles tempos em que, não o dia, mas a semana do estudante, era comemorada com jogos, festas, passeios e comemorações cívicas municipais.

Será o aumento considerável dos grupos humanos que acaba com o verdadeiro sentido destas festas? Como o que acontece com os professores? Até parece que esta gente, os estudantes, convive com os professores!



Áudio Visual

Em nossa quarta edição, mostraremos mais um setor de nossa Escola: O **ÁUDIO VISUAL**.

Fomos, nós da reportagem de O REDATOR, recebidos pelas professoras Marly Marques, Nery Lusa Vieira e Terezinha De Col.

Em conversa com elas mantida, soubemos muita coisa referente àquele departamento de assistência técnico-pedagógica aos professores e aos alunos.

Fizemos, no decorrer da conversa, várias perguntas que aqui reproduzimos, com as respectivas respostas.

REPORTAGEM: Quem trabalha neste departamento e qual o horário de responsabilidade de cada pessoa, professora Marly?

PROFESSORA MARLY: Aqui trabalhamos a professora Nery Lusa Vieira, responsável pelo turno da tarde; a professora Terezinha De Col, responsável pelo turno da noite e eu, professora Marly Marques, responsável pelo turno matinal.

REPORTAGEM: Professora Nery, o "Áudio Visual" existe e está aí, nós sabemos. Mas qual o verdadeiro fim deste novo departamento?

PROFESSORA NERY: De fato este é um departamento novo, muito recente. Seu papel essencial é de assistência e apoio a alunos e a professores da Escola.

REPORTAGEM: Professora Terezinha, paremos, não está bem clara a função do Áudio. Concretamente, qual o tipo de assistência a que se destina?

PROFESSORA TEREZINHA: Aqui nós auxiliamos a professores e a alunos no tocante a folhas mimeografadas, principalmente. Contamos também com mapas, globo terrestre, "slides", retro-projetor, projetor de "slides" e outros materiais de uso mais comum.

REPORTAGEM: Depois de tudo colicado, fica, parece-nos, uma lacuna muito grande: o nome do departamento é "Áudio Visual". Dá a entender que a assistência se deve operar em termos de auxílio visual, mas também auditivo (áudio). O que há neste sentido, professora Marly?

PROFESSORA MARLY: Efetivamente a observação tem procedência. Hoje, nós dispomos de um mínimo necessário e, muitas vezes, não satisfatório às necessidades primeiras e primárias de certas aulas. Não estamos, absolutamente, com nossa sala suficientemente equipada. Mas, nessa carência financeira de quase precariedade em que se encontram nossas escolas, qual a que satisfaz a tais necessidades? Nós necessitamos de equipamento nesse sentido. Ou mudaremos o nome (áudio).

REPORTAGEM: A apresentação da sala é de bom aspecto: cortinas, mesas e armários pintados...A quem se deve este bom gosto, professora Nery?

PROFESSORA NERY: De fato a sala, numa falta muito grande de modéstia, é de ótimo aspecto. Acontece que, em visita a outras escolas, se constatou muitas coisas e se colheu muitas sugestões. E o resultado é este aí.

REPORTAGEM: Para finalizar, professora Marly, o que a senhora, representando a equipe de trabalho, teria a dizer?

PROFESSORA MARLY: Evidentemente que o compromisso é deveras grande. Mas, de qualquer forma, nós pediríamos a compreensão dos professores e dos alunos. Não deixem para última hora. Quando alguém tiver alguma coisa a nos encaminhar, façam-no com antecedência. Seja o que for. Quanto às limitações também. Há falta de equipamentos, mas o que nós e a Direção podemos fazer, além de solicitar às autoridades competentes? A O REDATOR nosso muito obrigado e a certeza de que, quando nós estivermos conseguindo nossos objetivos como este jornal o está, estaremos muito bem.

E nós, de O REDATOR, agradecemos.

destaques

Eleger-se destaque não significa dizer eu sou o maior, mas ser, ainda que não o maior.

Eleger-se destaque, num mundo de figuras opacas, é abrir um clarão encandescente, iluminar o caminho dos fracos.

Eleger-se destaque não significa cobrar alguém por algo feito, mas mostrar a si próprio que fez algo e que está feliz.

Eleger-se destaque não significa provar que vive, mas se tornar merecedor da vida que o Pai lhe deu.

Os alunos que seguem, colegas nossos, elegeram-se destaques:



* Aluna do primeiro grau:

VERA LÚCIA SANTOS
PEREIRA, 8ª série "B".



* Aluno do turno da manhã:

CEZAR AUGUSTO
GARBIN, turma 74 A.



* Aluno do turno da tarde:

CEZAR AUGUSTO
ZOLDAN, turma 54 A.

* Aluno do turno da noite:

ELIANE TEREZINHA
DA COSTA, turma 71.



* Aluno do Anexo ao Grupo
Escolar "Salmoão Ioch-
pe": CELSO BRESSAN,
turma 53 A.

COLUNA "DESTAQUE"

Os destacáveis da próxima edição serão os alunos primeiros colocados na Feira Interna de Ciências (FECI). Não será você, um deles?

O REDATOR

professores confraternizam

Reuniram-se, na noite do dia 14 de julho passado, os professores do Cecy, em exercício no Anexo ao Grupo Escolar "Salomão Iochpe", na "Churrascaria do Lago", ocasião em que um lauto jantar marcou o final do semestre ea amizade que une a turma.

Na ocasião, entre vários assuntos abordados, examinou-se a questão da pequena, quase nula, organização que existe entre o professorado em geral. Afinal, será impossível uma união um pouco maior, quando o grupo cresce? E os clubes de professores, onde estão? Existe um, todos o sabem: O Clube do Professor Gaúcho, cujo objetivo antes de defender os interesses da classe, é elitizar pessoas que, discriminadamente, conseguem dirigi-lo.

Ao final dos debates, chegou-se à conclusão de que, não é novo isso, dificilmente será encontrada classe tão pouco unida e menos acomodada. Nem em defesa de seus interesses.

De qualquer forma é um alerta de O REDATOR: Não será desse tipo de reunião que se deveria partir para se chegar a uma união?

A
B
C
D O
M
E
S
T
R
E

Ame seus alunos.
Bendiga sua profissão.
Cria no poder da Educação.
Discipline sua classe.
Eduque pelo exemplo.
Firme-se em Deus.
Garanta um mundo bem melhor.
Honre sua missão de Mestre.
Instrua com sabedoria.
Julgue-se antes de julgar seus alunos.
Leia os grandes educadores.
Medite os conselhos dos grandes mestres.
Neutralize os humores negativos.
Orgulhe-se de ser mestre.
Persista na verdade.
Queira o melhor para seus alunos.
Respeite seus alunos para ser respeitado.
Sorria, iluminando sua sala.
Trabalhe com amor.
Unifique sua classe.
Vença pela fé.
X?
Zeze pelo carinho.
Por todos estes cuidados, descubra por si mesmo o X no Êxito do Grande Mestre.

Se tão somente pudéssemos mostrar ao mundo que, ser dedicado a Cristo não é algo insípido (monótono), tolo, e sim a aventura mais emocionante que o espírito humano pode experimentar, aqueles que estão do lado de fora da igreja, olhando com desdém (desprezo) para Cristo, viriam em multidão para se colocar ao seu lado. E poderíamos muito bem esperar um avivamento em cada ser humano.

Sorria, Deus o ama!

MARLI

LEMBRETES

DOS QUE GOSTAM DE BONS RESULTADOS

Terminou o "ASTRO", a Copa, a seca. Agora, ligue-se no segundo semestre. Com imaginação, vivacidade e energia. Afinal, estamos apenas na metade de um ano cheio de emoções. Se você estiver com ótimas notas, deve continuar; se, ao contrário, suas médias forem baixas, recupere-se, ainda há tempo.

DO BAR

O Barzinho é da Escola. A Escola é nossa. A Escola e o Barzinho, portanto, são nossos. Por que não colaborar um pouquinho mais? Você já pensou se as garrafas não mais puderem ser retiradas do Bar? Você as devolve, depois que toma o refrigerante? Será, isso, trabalho para as domésticas, ou uma questão de boa educação?

DA PRÓPRIA ESCOLA

E se, em seu lar, o pai fosse desempregado ou, que é pior, relaxado, não ajudando a casa com alguns cruzeiros ao menos? Você não será este pai, relaxado? Você paga suas mensalidades, em dia? Ou esqueceu de que a Escola é uma continuação do lar?

DA EQUIPE COLABORADORA

Você sabe que nós tentamos, durante as férias, fazer um jornal só nosso, dos alunos, e não conseguimos? E você sabe por quê? Um pouco mais de colaboração não nos teria sido, em nada, mau. Mesmo assim, valeu a pena. E, um dia, conseguiremos. Com a graça de Deus e a ajuda de todos. Só assim.

DOS DEFENSORES DO MEIO AMBIENTE

Pergunta feita ao Diretor do nosso jornal, durante as férias, quando passava pela Escola e, orgulhosamente, dizia: "Esta é a minha Escola, a Escola onde trabalho".

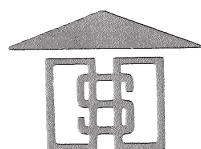
— "E esta ex-pracinha, como se chamava?"
Isto que era um amigo seu.

DE "O REDATOR"

Como já explicamos, na edição passada, estamos encontrando algumas dificuldades na coleta de dados para a matéria "QUEM FOI E É DONA CECY?" Nossa reportagem está contatando permanentemente e eficazmente com o Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, esposo da, hoje, saudosa Dona Cecy e principal fonte de informações. De qualquer maneira, o que é difícil é que é gostoso e de valor, não é? Continuem aguardando.

DOS ALUNOS AOS PRESIDENTES DE SALAS

As ex-portas e ex-janelas da Escola continuarão assim até quando? Será tarefa só da Direção? Afinal, é a Direção que as liquida?



CADERNETA DE POUPANÇA
HABITAÇÃO